Encontros Teológicos adere a uma Licença Creative Commons –
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

# "Fraternidade e Moradia" em chave mariológica: uma contribuição à CF 2026

## Theology of housing in a mariological key: a contribution to the 2026 Fraternity Campaign

*Anderson Moura Amorim*[*]
PUC-RIO

Recebido em: *08/07/2025*. Aceito em: *09/12/2025*.

**Resumo:** *O presente artigo examina a temática "Fraternidade e Moradia", proposta pela Campanha da Fraternidade de 2026, por meio de uma abordagem hermenêutica de matriz mariológica. Em um cenário de mobilidade humana sem precedentes, no qual fluxos migratórios intensificados por guerras, miséria e perseguições de ordem étnica, política e religiosa tensionam políticas públicas, reforçam desigualdades e suscitam reações xenófobas, diante das quais a moradia se configura como expressão concreta da crise humanitária atual. A globalização converte o deslocamento em fenômeno sistêmico, e a dicotomia "nacionais/estrangeiros" fragiliza a solidariedade, agravando o déficit habitacional. Nesse cenário, torna-se urgente, à luz da Doutrina Social da Igreja, uma resposta profética da missão e da práxis eclesial às situações-limite que entrelaçam pobreza, migração e habitação. Em chave mariológica, propõese ler a crise habitacional a partir do mistério da maternidade divina de Maria. Como* Theotokos*, ela torna tangível a Encarnação do Verbo, revelando que o "habitar" de Deus na história confere dignidade absoluta a todo corpo humano e, por consequência, ao espaço doméstico que o acolhe. A casa, extensão do corpo e primeiro lugar de convivência fraterna, recebe, portanto, valor teológico: é sinal sacramental da comunhão que Maria inaugura ao oferecer sua própria morada ao Verbo. Nessa perspectiva, a privação de um lar digno representa não só vulnerabilidade social, mas também ruptura da lógica encarnacional que sustenta a fraternidade cristã. O estudo, de natureza bibliográfica, demonstra como a figura mariana inspira uma teologia da morada estruturada em três eixos: (1) breve análise do tema da CF 2026: "Da casa comum à casa de cada um"; (2) Refletir sobre a maternidade divina de Maria em relação à moradia; (3) proposição de uma espiritualidade mariana para o tema "Fraternidade e Moradia".*

* Mestre em Teologia Sistemática pela UNICAP, Recife/PE, 2022. Doutorando em Teologia Sistemática pela PUC-RIO, Rio de Janeiro/RJ, 2024.
E-mail: christo.moura@hotmail.com.

Dossiê

*Conclui-se pela necessidade de uma práxis eclesial solidária que reconheça a casa como extensão do corpo, lugar teológico e sinal de fraternidade cristã diante dos desafios urbanos e migratórios contemporâneos.*

**Palavras-chave:** *Campanha da fraternidade 2026; mariologia; espiritualidade da moradia.*

**Abstract:** *This article examines the theme “Fraternity and Housing,” proposed by the 2026 Campaign of Fraternity, through a hermeneutical approach rooted in Mariological theology. In a context of unprecedented human mobility, where migratory flows intensified by war, poverty, and persecution based on ethnicity, politics, and religion strain public policies, deepen inequalities, and provoke xenophobic reactions, housing emerges as a concrete expression of the current humanitarian crisis. Globalization has turned displacement into a systemic phenomenon, and the dichotomy between “nationals” and “foreigners” weakens solidarity, worsening the housing deficit. In this scenario, it becomes urgent, in light of the Church’s Social Doctrine, to offer a prophetic response through ecclesial mission and praxis to the critical situations that intertwine poverty, migration, and housing. From a Mariological perspective, this study proposes to interpret the housing crisis through the mystery of Mary’s divine motherhood. As Theotokos, she makes the Incarnation of the Word tangible, revealing that God’s “dwelling” in history bestows absolute dignity on every human body and, consequently, on the domestic space that welcomes it. The home, as an extension of the body and the first space of fraternal coexistence, thus acquires theological significance: it becomes a sacramental sign of the communion that Mary inaugurates by offering her own dwelling to the Word. From this perspective, the lack of a dignified home represents not only social vulnerability but also a rupture of the incarnational logic that underpins Christian fraternity. Based on bibliographic research, the study demonstrates how the Marian figure inspires a theology of dwelling structured around three key dimensions: (1) a brief analysis of the 2026 CF theme: “From the common home to each one’s home”; (2) a reflection on the divine motherhood of Mary in relation to housing; and (3) a proposal for a Marian spirituality concerning the theme of “Fraternity and Housing.” The article concludes by affirming the need for a solidarity-based ecclesial praxis that recognizes the home as an extension of the body, a theological place, and a sign of Christian fraternity in response to contemporary urban and migratory challenges.*

**Keywords:** *2026 fraternity campaign; mariology; spirituality of dwelling.*

## Introdução

A Campanha da Fraternidade (CF) de 2026 propõe o tema “Fraternidade e Moradia”, com o lema “Ele veio morar entre nós” (Jo 1,14), em um contexto marcado por crises globais que ameaçam a dignidade humana e a coesão social (Junior, 2025, s. p.). Movimentos migratórios, intensificados por guerras, pobreza e perseguições, configuram fluxos sem precedentes que tensionam políticas públicas e acentuam desigualdades,

gerando respostas xenófobas e a fragmentação dos laços comunitários (Martos, 2011, p. 14). Em meio a esse cenário, a moradia emerge como uma das principais expressões da crise humanitária contemporânea, exigindo reflexões e respostas comprometidas com a justiça social (Almeida; Camargo; Prosper, 2024, p. 746).

A migração, embora fenômeno histórico e natural, assume hoje um caráter sistêmico diante da globalização, provocando divisões entre "nacionais" e "estrangeiros" que fragilizam a solidariedade e agravam o déficit habitacional (Almeida; Camargo; Prosper, 2024, p. 746). O desafio reside em superar essas barreiras para promover acolhimento e convivência, especialmente nos espaços urbanos onde a maioria dos migrantes se estabelece (Martínez, 2007, p. 62). Frente a essa realidade, a missão e a práxis da Igreja são chamadas a oferecer uma resposta profética e solidária às situações-limite que articulam pobreza, migração e habitação.

Nesse horizonte, propõe-se uma leitura mariológica da temática, reconhecendo na figura de Maria de Nazaré uma chave teológica e simbólica para refletir sobre a moradia como espaço de acolhimento e dignidade (EG 286). Ao lado de José e do Menino, Maria percorreu as estradas do exílio em busca de refúgio no Egito, enfrentando o medo, a insegurança e a ausência de abrigo diante da ameaça de Herodes (Bíblia, 2019, Mt 2,13-15.19-23, p. 1347). Essa experiência de deslocamento forçado, vivida na carne e na fé, permite reconhecer Maria como "Mãe do refugiado" e sinal da presença de Deus nas realidades de vulnerabilidade humana (Francisco, 2013a, s/p). Sua trajetória inspira, no horizonte da espiritualidade cristã, uma imagem profética da morada entendida como cuidado, resistência e hospitalidade, dimensões essenciais para uma práxis eclesial comprometida com a justiça social (EG 288).

Este artigo parte da hipótese de que Maria de Nazaré oferece elementos significativos da fé cristã para uma espiritualidade da habitação comprometida com a justiça social. A partir de uma abordagem hermenêutica de matriz mariológica, o estudo analisa a Campanha da Fraternidade 2026 e propõe uma teologia da morada estruturada em três eixos: (1) análise do tema "Da casa comum à casa de cada um"; (2) compreensão da morada, sob o olhar mariológico, como espaço de acolhimento e cuidado; (3) proposição de uma espiritualidade mariana em diálogo com os desafios contemporâneos da fraternidade e da moradia.

Busca-se contribuir para uma práxis eclesial que reconheça a casa como direito sagrado e espaço de dignidade, proteção e convivência fraterna, diante dos desafios urbanos e migratórios contemporâneos.

## 1 Campanha da Fraternidade 2026: “da casa comum à casa de cada um”[1]

Instituída em 1964, a Campanha da Fraternidade (CF) constitui-se em uma das manifestações mais consolidadas da solidariedade eclesial em defesa da dignidade humana no Brasil (CNBB, 2024, p. 15). Inserida liturgicamente na Quaresma, ela promove uma espiritualidade encarnada, na qual fé e vida comunitária se entrelaçam a serviço da justiça social (Vanzella, 2023, p. 19). Para o ano de 2026, o eixo temático “Fraternidade e Moradia”, iluminado pelo lema joanino “Ele veio morar entre nós” (Bíblia, 2019, Jo 1,14, p. 146), evidencia a crise habitacional em um cenário de fragmentação sociopolítica (Martos, 2011, p. 14), reafirmando a moradia como direito sagrado e *locus* de dignidade, proteção e convivialidade fraterna (LS 78). Nesse horizonte, a missão evangelizadora adquire tonalidade profética ao denunciar estruturas excludentes e anunciar uma sociedade justa, acolhedora e solidária (Godoi, 2023, p. 176-178).

No plano formativo, a Campanha da Fraternidade explicita o imperativo evangélico da justiça e da caridade (CV 1-9), estruturando itinerários educativos que visam a fraternidade concreta e compromissada com a dignidade humana (Vanzella, 2023, p. 12-13). Tal percurso se opõe frontalmente ao individualismo, à “tirania do dinheiro” e à “globalização da indiferença” (CNBB, 2013, p. 103), conclamando os fiéis católicos à superação do comodismo mediante corresponsabilidade social (CNBB, 2022, p. 36-37). Conforme Zavarez (2014, p. 6), em consonância com a *Sacrosanctum Concilium* (SC 110), a Campanha da Fraternidade se alinha à proposta da penitência quaresmal, a qual exige não apenas conversão interior, mas também sua expressão em práticas solidárias capazes de transformar estruturas excludentes, de modo que a fé se converta em testemunho histórico-salvífico rumo a uma sociedade autenticamente fraterna.

[1] Subtítulo inspirado nas palavras do Pe. Jean Poul Hansen promovido pala CNBB sobre o tema da CF 2026 (CNBB, 2025. Disponível em: https://www.cnbb.org.br/cnbb-promove-seminario-sobre-o-tema-da-cf-2026/#:~:text=De%2011%20a%2013%20de,de%20constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20texto%2Dbase).

Sob o prisma teológico, a Campanha da Fraternidade radica-se na eclesiologia de comunhão trinitária, na qual a Igreja se entende como expressão histórica da unidade entre Pai, Filho e Espírito Santo (Forte, 2005, p. 21). Tal fundamento qualifica a práxis pastoral como sacramento de comunhão divina e humana (LG 1), orientando o dinamismo comunitário que fomenta corresponsabilidade, vínculos solidários e estruturas sociais justas (Forte, 2005, p.36). Nessa perspectiva, a Campanha opera como dispositivo privilegiado para a configuração de relações sociais coerentes com a *pericorese*[2] trinitária (Forte, 2005, p. 23), consolidando a identidade missionária do Povo de Deus e favorecendo a atualização do mistério pascal de Cristo na história, sob a ação transformadora do Espírito Santo (Codina, 1993, p. 42).

Em continuidade ao horizonte de comunhão trinitária, a hermenêutica dos modelos eclesiais formulada por Dulles (1978, p. 22) oferece uma chave interpretativa para o aprofundamento da compreensão teológica da Campanha da Fraternidade enquanto expressão multiforme da missão da Igreja. A partir das imagens bíblicas da vinha, do templo e do reino (Dulles, 1978, p. 60-64), delineiam-se cinco paradigmas complementares (Dulles, 1978, p. 37-101): Instituição, Comunhão Mística, Sacramento, Arauto e Serva, os quais articulam, de modo integrado, as dimensões estruturais, celebrativas, querigmáticas e diaconais da ação pastoral da Campanha. Vinculados ao imperativo latino-americano de "conversão pastoral", tais modelos conclamam à superação da "pastoral de conservação" (*DAp* 370), reconfigurando sujeitos e dinâmicas eclesiais em consonância com o espírito do Concílio Vaticano II (1962-1965) (SC 1; GS 1-2). Nessa chave, a Campanha da Fraternidade consolida-se como *lócus* privilegiado de discernimento e transformação eclesial (DGAE, 2003, p. 66-67) catalisando respostas evangélicas diante das injustiças que comprometem o direito à moradia e atentam contra a dignidade da pessoa humana.

A urbanização acelerada e o volume inédito de migrações internas e internacionais têm transformado o déficit habitacional em um dos dramas humanitários mais urgentes do século XXI (Martínez, 2007, p. 62). Segundo Comblin (1993, s. p.), na América Latina, metade da população rural migrou para os centros urbanos nas últimas três décadas, deparando-se com a quase inexistência de políticas públicas eficazes de

[2] *Pericorese* (do grego *perichóresis*, que significa "mútua interpenetração") é um termo teológico clássico que descreve a **relação íntima, dinâmica e indissolúvel entre as três Pessoas da Santíssima Trindade** – Pai, Filho e Espírito Santo.

moradia. Para Brown (1992, p. 182), estima-se que entre 70-95% das habitações no chamado Terceiro Mundo sejam construídas de forma informal, sem respaldo jurídico. Esse cenário revela a “indiferentização social” descrita por Bauman (2016, s. p.), na qual a solidariedade cede lugar à desconfiança mútua e a discursos excludentes. A Campanha da Fraternidade 2026, ao propor o tema “Fraternidade e Moradia”, insere-se criticamente nesse contexto de mobilidade forçada e crescente vulnerabilidade urbana.

Enquanto a moradia é reconhecida como direito humano fundamental pelo Papa João XXIII (PT 4), a omissão do poder público e a lógica de mercado condenam milhões a viver “fora da lei”, perpetuando estruturas de injustiça (Comblin, 1993, s. p.). Nesse horizonte, torna-se imprescindível que os próprios cristãos se comprometam com os sacrifícios exigidos por uma nova convivência solidária, como já indicava o apelo de Medellín aos agentes pastorais para estarem entre os marginalizados (Godoy, 2015, p. 211). Nessa perspectiva, Vanzella (2023, p. 12) argumenta que a Campanha da Fraternidade acolhe esse imperativo profético, convocando as comunidades eclesiais a adotar formas de convivência que contestem políticas urbanas excludentes. Tal testemunho, conforme Godoi (2023, p. 175-176), não se limita à denúncia: requer iniciativas concretas de acolhida, regularização fundiária e participação popular nas decisões territoriais. Desse modo, a Igreja se empenha em tornar visível o “lugar para todos” (Jo 14, 2) prometido no Reino (DGAE, 2003, p. 5).

Nesse contexto de interpelação evangélica, a conversão pastoral requerida pela CF 2026 não se reduz a uma estratégia institucional, mas se configura como resposta profética à indiferença global diante da exclusão habitacional. Superar a “pastoral de conservação” (DAp 370) e adotar a corresponsabilidade social implica repensar estruturas eclesiais à luz da comunhão trinitária (Forte, 2005, p. 21-23), de modo que paróquias e comunidades se tornem verdadeiras “escolas de fraternidade” (Vanzella, 2023, p. 14), capazes de acolher migrantes, regularizar ocupações e fomentar políticas de habitação digna. Os modelos eclesiais de Dulles (1978, p. 22) oferecem referenciais para articular o anúncio da esperança, a denúncia profética e o serviço concreto aos sem-teto. Assim, a moradia deixa de ser uma simples questão material e revela-se sacramento da dignidade humana e da fraternidade universal, abrindo espaço para que a teologia, em especial a mariologia, propósito deste estudo, aprofunde sua reflexão sobre a casa como lugar sagrado de cuidado, dignidade e convivência fraterna.

## 2 Perspectivas mariológicas na CF 2026: da maternidade divina à "hospitalidade encarnacional"

Nesse horizonte teológico e pastoral, a figura de Maria de Nazaré oferece uma chave interpretativa particularmente fecunda para refletir sobre a moradia como espaço de acolhimento, cuidado e dignidade. A maternidade divina, reconhecida desde os primórdios da Igreja como fundamento da Encarnação (Meo, 1995, p. 781-785), revela que o "habitar" de Deus na história confere valor absoluto a todo corpo humano e, por extensão, à casa que o abriga. Ao acolher o Verbo em seu seio (Bíblia, 2019, Jo 1,1-18, p. 1466), Maria inaugura uma lógica de hospitalidade encarnacional (Resende; Ferreira, 2021, p. 224; Pinho, 2014, p. 59), tornando visível a comunhão entre o divino e o humano (Meo, 1995, p. 785). Nessa perspectiva, a casa, compreendida como extensão do corpo, adquire estatura teológica: acolher o outro prolonga o gesto mariano de abertura ao mistério (Ratzinger, 2005, p. 42). Assim, Maria e a moradia convergem como expressões concretas da fraternidade cristã (LG 65), inspirando a práxis eclesial diante dos desafios urbanos e migratórios contemporâneos.

Intimamente associada à vida de Jesus, da concepção à cruz (Pinho, 2017, p. 62), a Mãe do Senhor coopera de modo singular no desígnio salvífico (Meo, 1995, p. 782), sem conflitar com a mediação única de Cristo (1Tm 2,56; LG 60; RM 38). A tradição eclesial reconhecea como "mãe na ordem da graça" (LG 61): eleita pelo Pai (VD 27) e animada pelo Espírito (LG 54), é invocada como advogada, auxiliadora, socorro e medianeira (LG 62). Tal cooperação, longe de concorrer com o Filho, evidencia a participação peculiar de Maria no plano divino (Meo, 1995, p. 782).

Conforme Pinho (2017, p. 62), no testemunho bíblico, Maria é identificada com a Igreja nascente, especialmente em João (Bíblia, 2019, Jo 19,26-27, p. 1494) e em Lucas (Bíblia, 2019, At 1,14, p. 1501), revelando sua missão espiritual no corpo eclesial, tornando sua maternidade modelo e impulso da maternidade da Igreja, que gera e acompanha os fiéis no caminho do Reino (LG 64; RM 43; 24; EG 285; MC 17; 19). Como afirma *Redemptoris Mater* (RM 44), Maria coopera com essa missão ao longo da história, cuja continuidade é simbolicamente expressa por sua presença no Cenáculo (Bíblia, 2019, At 1,14, p. 1501; LG 52-69). Para o Papa Francisco (EG 286-288), Maria, ícone da Igreja-Mãe, inspira também

uma eclesiologia do cuidado e da hospitalidade, essencial para pensar a moradia como espaço teológico de dignidade, acolhimento e comunhão.

Enquanto dom gratuito, a maternidade de Maria (Meo, 1995, p. 785) manifesta-se desde a Encarnação até sua contínua solicitude pelos irmãos de Jesus (LG 53). Sustentada pela graça e consciente de sua pequenez, a Virgem responde livremente à vocação recebida (Bíblia, 2019, Lc 1,28.48, p. 1420-1421). De acordo com Pinho (2017, p. 63), sua fé ativa e generosa revela uma espiritualidade marcada pela entrega ao serviço do projeto divino. Tal resposta, segundo Ratzinger (2013, p. 20), ao mesmo tempo pessoal e comunitária, funda-se na lógica da gratuidade e da reciprocidade amorosa. Nesse sentido, sua maternidade prolonga-se em compromisso com a dignidade humana e com o cuidado fraterno, tornando-se figura teológica da hospitalidade de Deus (Meo, 1995, p. 782), chave para uma leitura mariológica da moradia como espaço de vida, justiça e ternura (EG 288).

A maternidade de Maria, ao oferecer o Verbo encarnado ao mundo, revela a missão essencial da Igreja: ser sacramento da salvação no tempo (LG 1; UR 6). Tal como Maria levou Cristo ao encontro de Isabel (Lc 1, 39-80), a Igreja é chamada a comunicar, por sua vida e ação, a presença salvífica de Deus no cotidiano (Francisco, 2013b, s/p). Esta dinâmica fundacional qualifica a identidade eclesial como maternal: não se trata apenas de anunciar doutrina, mas de gerar vida em Cristo (DCE 1). A *Campanha da Fraternidade 2026*, ao propor o eixo temático “Fraternidade e Moradia”, convida a Igreja a tornar-se espaço de acolhimento concreto, sinalizando, como Maria (LS 241), um lugar onde Deus habita e onde os pobres encontram dignidade (EG 49). Assim, o rosto materno da Igreja revela-se na sua capacidade de gerar vida e esperança em meio às realidades feridas da sociedade contemporânea (FT 67; 69; 79).

A sacramentalidade da Igreja (Barreiro, 1994, p. 36), enraizada na Encarnação (Queiruga, 1999, p. 179), exige uma pastoral encarnada na vida concreta das pessoas (LG 8). À semelhança de Maria, cuja existência foi inteiramente dedicada ao serviço do Reino (Meo, 1995, p. 782), a Igreja, de acordo com Pinho (2017, p. 58), é desafiada a viver a “lei da encarnação”, identificando-se com os dramas e esperanças da humanidade (GS 1). No contexto da *Campanha da Fraternidade 2026*, marcada pela crise habitacional, isso significa estar ao lado dos que não têm casa, dos deslocados e dos invisibilizados socialmente (Francisco, 2013b, s. p.). A moradia, assim, configura-se

como um *locus* teológico, extensão do corpo e expressão da dignidade encarnacional. Nessa perspectiva, Routhier (2016, p. 560) enfatiza que o rosto materno da Igreja se revela na capacidade institucional de transformar estruturas excludentes em espaços de convivência solidária e cuidado fraterno.

À guisa de conclusão, é necessário considerar, à luz do exposto, que, conforme observa Pinho (2017, p. 59-60), uma Igreja-Mãe, iluminada pela Encarnação e em continuidade com a missão da Virgem, concretiza-se também na mística do cotidiano, segundo a expressão de Metz (2013, p. 191-211). Viver com "os olhos abertos" (Metz, 2013, p. 19) é reconhecer Deus no clamor dos sem-teto e nas angústias das famílias desabrigadas (EG 225; 288). Sob essa perspectiva, a moradia, longe de ser apenas uma necessidade material, é expressão concreta da esperança evangélica de um "lugar para todos" (Bíblia, 2019, Jo 14,2, p. 1488). Promover solidariedade, encorajar a esperança e tornar visíveis as sementes do Reino (Pinho, 2017, p. 63) constituem tarefaschave, que devem ser assumidas pela *Campanha da Fraternidade 2026* ao denunciar a exclusão e anunciar fraternidade.

## 3 A espiritualidade mariana na CF 2026: maria, "tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade"

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* reconhece Maria como "membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade" (LG 53), destacando sua precedência no caminho da santidade (LG 65). Essa singularidade manifesta-se desde a Encarnação do Verbo (Lc 1,38), realizada pelo poder do Espírito Santo, e culmina no Pentecostes (Bíblia, 2019, At 1,14, p. 1501); (Balthasar, 1983, p.14), onde a Mãe do Senhor se configura como testemunha qualificada do mistério pascal e da irrupção eclesial (Pinho, 2017, p. 69). Atenta às interpelações divinas e dócil à ação do Espírito (Francisco, 2013b, n. 1),[3] a figura mariana representa uma espiritualidade fecunda (Francisco, 2018, s. p.), capaz de inspirar, em chave teológica e pastoral, a práxis eclesial, conduzindo, como argumenta Paredes (1995, p. 348), à vivência concreta da fé e da caridade.

[3] "Maria viveu sempre imersa no mistério do Deus que se fez homem, como sua primeira e perfeita discípula, meditando tudo no seu coração, à luz do Espírito Santo, para compreender e pôr em prática toda a vontade de Deus" (Francisco, 2013b, s. p.).

Segundo o Papa Francisco (EG 140; 284-288), a espiritualidade mariana expressa um estilo evangelizador marcado pela ternura, pela prontidão e pela força transformadora da humildade. Para ele (EG 46-49), Maria assume uma fé que contempla a presença de Deus no cotidiano e, simultaneamente, se solidariza com os que sofrem, tornando-se sinal eloquente de justiça e compaixão (SnC 24). Essa dinâmica mariana configura-se, assim, como chave hermenêutica para uma espiritualidade na Campanha da Fraternidade 2026, orientando a missão da Igreja por dois eixos fundamentais: (1) Maria, protótipo daquele que crê; e (2) Maria, modelo da Igreja de coração e portas abertas.

### 3.1 Maria, protótipo daquele que crê

Maria, ao acolher com fé o Verbo em seu *fiat* (Bíblia, 2019, Lc 1,38, p. 1421) (Philippe, 1999, p. 103-104), torna-se não apenas Mãe de Deus, mas também casa viva do acolhimento divino (Cantalamessa, 1992, p. 33). Sua fé, manifestada em gestos concretos (Cantalamessa, 1992, p. 33), revela-se como espaço habitável para o outro, inaugurando o modelo da Igreja enquanto comunidade de comunhão e acolhida fraterna (Murad, 2012, p. 97). Nesse sentido, o “sim” de Maria edifica uma morada para Deus e dá origem a uma espiritualidade que transforma a fé em hospitalidade, conferindo à moradia um valor teológico. Sua resposta livre e confiante (Iwashita, 2014, p. 113) demonstra que crer é também abrigar, gerar e proteger a vida humana em sua integridade física e espiritual (Cantalamessa, 1992, p. 33-34).

Para Cantalamessa (1992, p. 38), o ato de fé de Maria, manifestado em seu *fiat* (Bíblia, 2019, Lc 1,38, p. 1421), pode ser compreendido como o “sim” nupcial da esposa ao esposo, pronunciado com plena liberdade. Tal resposta realiza, segundo o autor, as profecias que anunciavam a aliança definitiva entre Deus e seu povo (Os 2,21s), sendo a fé, nessa perspectiva, o anel nupcial, enquanto a fidelidade divina constitui a resposta do Esposo (Cantalamessa, 1992, p. 33). Ao acolher a proposta do anjo, Maria não pensa apenas em si mesma (Lorscheider, s. d., p. 10), mas assume, em sua decisão, o destino de toda a humanidade que aguardava o Salvador (Iwashita, 2014, p. 113). Seu consentimento é livre, sem reservas (Philippe, 1999, p. 98-99), tornando-se o “sim” humano por excelência, elevado pela graça (Cantalamessa, 1992, p. 34). Como observa Rahner, citado por Cantalamessa (1992, p. 34), a palavra de

Maria foi também a palavra da humanidade, e seu "sim" foi o *amém* de toda a criação ao "sim" eterno de Deus.[4]

Iwashita (2014, p. 113) destaca que esse ato de fé, embora decisivo, envolveu sofrimento e risco.[5] Ser mãe do Messias não significava apenas o cumprimento de uma esperança messiânica, mas a entrada em um caminho de provação. Nessa linha, Cantalamessa (1992, p. 35) observa que a fé autêntica, antes de ser privilégio, implica entrega e renúncia. A tradição teológica ensina que Deus não impõe sua vontade, mas suscita uma resposta livre e amorosa (Iwashita, 2014, p. 116). Iluminada pelo Espírito, Maria acolhe a Palavra como fonte de luz (Philippe, 1999, p. 103-104), permitindo que sua inteligência, seu coração e sua sensibilidade sejam profundamente transformados (Iwashita, 2014, p. 116-117). Nesse engajamento integral, semelhante ao dos antigos profetas, como Jeremias (Jr 1,19), ela assume com realismo as implicações do seu *fiat* (Iwashita, 2014, p. 113-116), pressentindo, desde o início, a dor que Simeão viria a confirmar: "uma espada transpassará tua alma" (Bíblia, 2019, Lc 2,34-35, p. 1423-1424).

A fé de Maria, compreendida como uma adesão amorosa, esperançosa e silenciosa ao mistério de Deus (Iwashita, 2014, p. 117), oferece uma chave espiritual para viver o tema da Campanha da Fraternidade de 2026, *Fraternidade e Moradia*, de modo encarnado e transformador. A partir da ciência da realidade, a Mãe do Senhor não se esquiva dos riscos e implicações de seu *fiat* (Philippe, 1999, p. 98-99), mas assume com liberdade e consciência sua missão (Philippe, 1999, p. 103-104). Essa fé realista e ativa (Iwashita, 2014, p. 116), marcada por confiança e entrega (Philippe, 1999, p. 104), ensina que a espiritualidade não se opõe à concretude da vida, mas se realiza nela (Guitiérrez, 1984, p. 23), especialmente nas situações de vulnerabilidade e exclusão que hoje se manifestam na negação do direito à moradia digna (Guitiérrez, 1984, p. 81).

---

4 Conforme Schürmann (1983, p. 154), com poucas e simples palavras, consumou-se o mais decisivo ato de fé da história da humanidade. O pronunciamento de Maria constitui o ponto culminante de toda atitude religiosa diante de Deus, pois expressa, de forma máxima, a conjugação entre uma disponibilidade passiva e uma prontidão ativa, um profundo esvaziamento interior que, paradoxalmente, se revela como plenitude absoluta.

5 Cantalamessa (1992, p. 35) recorda que o que aconteceu com Maria é único: "isto nunca aconteceu antes dela, nem irá acontecer depois". Ela certamente conhecia o que prescrevia a Lei: caso, no momento das núpcias, fosse constatado que a jovem não era virgem, deveria ser conduzida à porta da casa paterna e ali apedrejada pelos habitantes da cidade (Dt 22,20s).

Pela caridade e pelo dom da inteligência, a fé mariana desabrocha como experiência interior da presença de um Deus que ama, habita e se comunica com a humanidade. Nesse sentido, o *sim* de Maria edifica uma morada para Deus e inaugura uma espiritualidade que transforma a fé em hospitalidade (DCE 31), conferindo à moradia um valor teológico. Tal gesto não é apenas contemplativo, mas também solidário: ao dizer “sim”, Maria não apenas se abre ao mistério da Encarnação, mas assume, em si, o clamor de um povo que aguardava a salvação. Sua resposta livre e confiante (Iwashita, 2014, p. 113) demonstra que crer é também abrigar, gerar e proteger a vida humana em sua integridade física e espiritual (Cantalamessa, 1992, p. 33-34), e é esse horizonte que a Campanha da Fraternidade de 2026 quer evocar ao refletir sobre a moradia como expressão da dignidade humana e espaço de fraternidade.

Além disso, a fé de Maria, vivida na esperança e na pobreza (SnC 24), aponta para uma espiritualidade da confiança radical (Philippe, 1999, p. 103-104), que reconhece a presença de Deus no pequeno, no frágil, no desabrigado (Murad, 2024, p. 147). Ela se apoia na força divina que exalta os humildes e derruba os poderosos (Lc 1,52), conforme proclama no *Magnificat*, e se revela na fragilidade do Menino que carrega nos braços, o mesmo Deus que hoje habita nas vítimas da falta de teto, dos deslocamentos forçados, das políticas excludentes (EG 187). A Campanha da Fraternidade, quando lida à luz dessa fé mariana, convida a Igreja a ser também “serva do Senhor” (Bíblia, 2019, Lc 1,38, p. 1421), comprometida com os “crucificados da história” (Pinho, 2017, p. 67).

Inspirada pela atitude de Maria, cuja fé se expressa no silêncio fecundo e no serviço humilde (Pinho, 2017, p. 67-68), a espiritualidade proposta pela Campanha da Fraternidade convoca homens e mulheres a se comprometerem com ações concretas que não excluem, mas se fazem próximas, levantam e reabilitam os caídos, promovem o protagonismo das pessoas (FT 67, 69, 79), especialmente daquelas que vivem nas periferias sociais e existenciais (Murad, 2024, p. 145). Trata-se de uma espiritualidade encarnada, que une contemplação e compromisso, escuta e transformação, fé e justiça, à imagem daquela que, no silêncio de Nazaré, tornou-se templo e morada de Deus.

### 3.2 Maria, modelo da Igreja de coração e portas abertas

Maria, como figura materna na história da salvação, revela com singular intensidade os traços do amor misericordioso de Deus, tal como

cantado no *Magnificat* (Bíblia, 2019, Lc 1,46-55, p. 1421-1422) (Pinho, 2017, p. 72). Sua vida concreta e sua presença contínua na história da fé a configuram como testemunha qualificada da misericórdia divina que "alcança a todos, sem excluir ninguém" (MV 24). Unida plenamente a Deus, ela manifesta, pela força do Espírito, a ternura e a compaixão de um amor com índole profundamente maternal. Por isso é reconhecida como "Mãe de Misericórdia" (SC 83; MC 18) e, nessa perspectiva, inspira uma espiritualidade sensível à escuta e comprometida com o serviço (Iwashita, 2014, p. 118-119), tornando-se modelo da Igreja de coração e portas abertas (EG 46-49).

De acordo com o Papa Francisco (AL 310), a maternidade de Maria interpela a Igreja a refletir o rosto misericordioso de Deus em sua ação pastoral e sacramental, sendo sinal efetivo e credível de acolhimento e compaixão (AL 726). Nessa mesma linha, Pinho (2017, p. 73) afirma que contemplar Maria como "Mãe de Misericórdia" exige da comunidade cristã um agir que alimente, encoraje, console e caminhe ao lado dos mais frágeis. Tal exigência remete, ainda, à compreensão de que a misericórdia, conforme recorda o Papa Francisco (AL 311), não pode ser limitada por condições ou barreiras que esvaziem sua autenticidade e contrariem o Evangelho. Por isso, a Igreja, enquanto mãe, é chamada a acolher sem exclusões (AL 308; EG 45), abrindo o coração e os sacramentos a todos (EG 47; AL 310), sobretudo o Batismo e, não menos, a Eucaristia (Kuzma, 2015, p. 15-16). Nesse horizonte teológico e pastoral, Maria revela-se como figura-tipo da Igreja de portas abertas (AL 308; EG 45).

Inspirando-se no coração maternal de Maria, o Papa Francisco (LS 241) afirma que a Igreja é convocada a ser casa acolhedora e sinal de esperança para a humanidade ferida. Nesse sentido, a capacidade de acolher, sem filtros ou atitudes de superioridade moral, constitui um critério decisivo para medir a autenticidade da fé (Pinho, 2017, p. 74-75) e o dinamismo missionário das comunidades (FT 11; 67; 69; 79). Nessa perspectiva, Maria, como modelo da compaixão encarnada, impulsiona a Igreja a testemunhar a ternura de Deus junto aos pobres e aflitos (EG 48). Com efeito, no cântico do *Magnificat* (Lc 1,46-55) encontra-se a certeza de que o Deus da salvação se faz próximo dos humildes, dos esquecidos e dos pequenos (RM 37). Por isso, a Mãe do Senhor não apenas prefigura a Igreja, mas a inspira a viver sua vocação materna com coragem, justiça e misericórdia (FT 276).

Nesse mesmo horizonte teológico e pastoral, a Campanha da Fraternidade de 2026, ao convocar a Igreja a refletir sobre a moradia digna, o acolhimento e a justiça social (CNBB, 2025, s/p), encontra na espiritualidade mariana um paradigma fecundo para a missão eclesial (LG 52-69). Inspirada por Maria, figura da Igreja em atitude de serviço, a comunidade cristã é interpelada a tornar-se espaço de hospitalidade, cuidado e proximidade com os mais vulneráveis (FT 276; 278). Como recorda o Papa Francisco (AL 87), a Igreja é chamada a ser “uma família entre as famílias”, com as portas sempre abertas para testemunhar o amor misericordioso de Deus (FT 276). Assim compreendida, a moradia não se reduz a um abrigo físico, mas é expressão concreta do desejo divino de inclusão, pertença e comunhão. Dessa forma, a dimensão doméstica da fé se converte em sinal do Reino que se faz presente no cotidiano das famílias e das comunidades (Balthasar, 1993, p. 20).

Por conseguinte, tal perspectiva é reforçada pelo apelo a uma Igreja em saída, sensível às periferias existenciais e comprometida com os clamores dos que vivem sem dignidade, sem casa e sem laços de pertença (EG 49). À semelhança de Maria, que se coloca a caminho para servir Isabel (Lc 1,39-56), a comunidade eclesial é chamada a abandonar as seguranças institucionais e a assumir uma práxis pastoral marcada pela compaixão e pela solidariedade efetiva (EG 33). A missão evangelizadora, nesse contexto, exige a construção de espaços que promovam a justiça, restaurem a dignidade humana e expressem a paz (FT 114). A moradia, compreendida como espaço sagrado e direito fundamental, reclama da Igreja uma presença ativa e comprometida com a transformação social (Balthasar, 2005b, p. 54). Nessa dinâmica, a fé se realiza na prática da caridade e na encarnação da ternura divina (Balthasar, 2005a, p. 49), refletindo, na vida do povo, o coração materno de Maria (CEP 14).

## Conclusão

A Campanha da Fraternidade 2026, ao propor o tema “Fraternidade e Moradia”, interpela a Igreja a um discernimento pastoral encarnado, capaz de reconhecer na moradia não apenas um direito social, mas um lugar teológico onde se manifesta a dignidade da vida humana. Diante dos desafios contemporâneos, migração forçada, desigualdade urbana e desintegração comunitária (Martos, 2011, p. 14), a espiritualidade cristã é convocada a responder com compaixão ativa e sensibilidade profética (Almeida; Camargo; Prosper, 2024, p. 746). Nesse cenário, a casa deixa

de ser mero abrigo material para tornar-se expressão da comunhão fraterna e sacramento da presença de Deus na história. Viver a fé implica, portanto, assumir a missão de construir lares onde o outro seja acolhido com respeito, ternura e justiça (FT 67; 69; 79).

Em chave mariológica, esse horizonte se aprofunda: ao oferecer sua morada ao Verbo, Maria inaugura uma lógica de hospitalidade que integra corporeidade, fé e acolhimento. Seu "sim" livre e total configura-se como modelo de abertura radical ao mistério de Deus e ao clamor dos mais vulneráveis (FT 276). Nessa perspectiva, a maternidade divina não se restringe ao âmbito dogmático (Murad, 2024, p, 67), mas inspira a práxis eclesial a tornar-se casa viva da misericórdia (FT 278). A figura de Maria, como imagem da Igreja de portas abertas, revela uma espiritualidade sensível à escuta, comprometida com o serviço e solidária com os que vivem sem teto nem pertença. A moradia, assim, torna-se lugar onde a fé se encarna e a fraternidade se torna visível.

Por fim, à luz dessa espiritualidade mariana, a Campanha da Fraternidade 2026 convida a uma conversão comunitária e pastoral que reconhece no cotidiano das casas o espaço privilegiado para a manifestação da graça. Seguindo o exemplo da Mãe do Senhor, a Igreja é chamada a sair de si mesma, ir ao encontro das periferias e transformar a morada em sinal da presença amorosa de Deus. Como Maria, que não hesitou em colocar-se a caminho para visitar Isabel (Bíblia, 2019, Lc 1, 39-56, p. 1421-1422), a comunidade eclesial deve caminhar com os pobres, escutar os excluídos e semear reconciliação onde há dor e ruptura. Dessa forma, a espiritualidade mariana ilumina e orienta a vivência da fraternidade como construção de moradas justas, abertas e humanizadoras.

## Referências

ALMEIDA, André Luiz Boccato; CAMARGO, Julian Carlos; PROSPER, Lupeke Nicholaus. A fraternidade cristã e ecologia integral no Papa Francisco: uma reflexão teológica sobre um novo humanismo a partir do cristianismo. *In: Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 39, n. 3, p. 743-763, set./dez. 2024.

BALTHASAR, Hans Urs von. *My work in retrospect.* San Francisco: Ignatius, 1993.

BALTHASAR, Hans Urs von. *Mysterium Paschale:* The Mystery of Easter. San Francisco: Ignatius, 2005a.

BALTHASAR, Hans Urs von. *O culto a Maria hoje.* São Paulo, Paulinas, 1983.

BALTHASAR, Hans Urs von. *Spirito e Istituzione.* Brescia: Morcelliana, 2005b.

BARREIRO, Alvaro. *Povo santo e pecador.* São Paulo: Loyola, 1994.

BAUMAN, Zygmund. No more walls in Europe: tear them down. *Social Europe*, 2016. Disponível em: https://www.socialeurope.eu/no-walls--europe-tear. Acesso em: 16 jun. 2025.

BENTO XVI, PP. *Carta Encíclica “Caritas in Veritate”.* São Paulo: Paulinas, 2009.

BENTO XVI, PP. *Carta Encíclica Deus Caritas est.* São Paulo: Paulinas, 2006.

BENTO XVI, PP. *Exortação Apostólica pós-Sinodal Verbum Domini.* São Paulo: Paulinas, 2010.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada Tradução Oficial da CNBB. 2. ed. Brasília: CNBB, 2019.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. *Mística e Espiritualidade.* Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BROWN, Lester Russel. *L’état de Ia Planète.* Paris: Economica, 1992.

CANTALAMESSA, Raniero. *Maria, um espelho para a Igreja.* Aparecida: Ed. Santuário, 1992.

CNBB. *Campanha da Fraternidade 2014.* Texto Base CF 2014. Brasília: Ed. CNBB, 2013.

CNBB. *Campanha da Fraternidade 2023:* Texto-Base: Fraternidade e Fome. Brasília: Ed. CNBB, 2022.

CNBB. *Campanha da Fraternidade 2025:* Texto-base. Brasília, DF: CNBB, 2024.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CODINA, Víctor. *Para compreender a eclesiologia a partir da América Latina.* São Paulo: Paulinas, 1993.

COMBLIN, José. A moradia e os cristãos. *In: Vida Pastoral*, São Paulo, SP, n. 168, p. 13-18, jan./fev. 1993.

CONCILIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumen Gentium:* constituição dogmática sobre a Igreja. Petrópolis: Vozes, 1996.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes.* Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo de Hoje. São Paulo: Paulinas, 1966

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (CEP). *Fátima, Sinal de Esperança para o nosso tempo.* Lisboa: Secretariado Geral da CEP, 2016. Disponível em: //www.conferenciaepiscopal.pt/v1/fatima-sinal-de--esperanca-para-o-nosso-tempo/#:~:text=No%20centenário%20das%20aparições%20da,e%20do%20nosso%20compromisso%20evangelizador.

CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIUM (SC); sobre a Sagrada Liturgia. *In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

DOCUMENTO DE APARECIDA (DAp). Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

DULLES, Avery. *A Igreja e seus modelos.* São Paulo: Paulinas, 1978.

FORTE, Bruno. *A Igreja Ícone da Trindade.* São Paulo: Loyola, 2005.

FRANCISCO, PP. Audiência Geral. *Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana*, Vaticano, 23 agos. 2013a.

FRANCISCO, PP. Audiência Geral. *Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana*, Vaticano, 23 out. 2013b.

FRANCISCO, PP. *Carta Encíclica Fratelli Tutti:* sobre a fraternidade e a amizade social São Paulo: Loyola, 2020.

FRANCISCO, PP. *Carta Encíclica Laudato Sí*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus: Loyola 2015.

FRANCISCO, PP. *Carta Encíclica Laudato Si´.* São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Amoris Laetitia.* São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium.* São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. *Spes non confundit:* Bula de proclamação do Jubileu Ordinário do ano 2025. Disponível em: //www.vatican.va/content/

francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-nonconfundit_bolla--giubileo2025.html. Acesso em: 11 jun. 2025.

FRANCISCO, PP. *Misericordiae Vultus:* Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Brasília, DF: Edições CNBB, 2015.

GODOI, Marciano Seabra de. O tributo e a reforma tributária à luz da doutrina social da igreja. *Virtuajus*, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, p. 174-188, 2023. DOI: 10.5752/P.1678-3425.2023v8n14p174-188. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/virtuajus/article/view/30492. Acesso em: 8 jul. 2025.

GODOI, Marciano Seabra de. O tributo e a reforma tributária à luz da doutrina social da igreja. *Virtuajus*, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, p. 174-188, 2023. DOI: 10.5752/P.1678-3425.2023v8n14p174-188. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/virtuajus/article/view/30492. Acesso em: 27 jun. 2025.

GODOY, Manoel. Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. *In:* PASSOS, J. D; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II.* São Paulo: Paulus: Paulinas, 2015. p. 209-217.

GUITIÉRREZ, Gustavo. *Beber no próprio poço.* Petrópolis: Vozes, 1984.

IWASHITA, Pedro K. A presença de Maria na nova evangelização. *In: Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 46, p. 104-126, jan./abr. 2014. DOI: 10.17771/PUCRio.ATeo.23289.

JOÃO PAULO II, PP. *Carta Enciclica Redemptoris Mater*, sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. São Paulo: Loyola, 1987.

JOÃO XXIII, PP. *Pacem in Terris:* sobre a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade. São Paulo: Paulinas, 2000.

JUNIOR, Luiz Lopes. *“Do cuidado da Casa Comum para a casa de cada um”:* CNBB promove seminário sobre o tema da CF 2026. CNBB, Brasília-DF. Disponível em: https://campanhas.cnbb.org.br/do-cuidado--da-casa-comum-para-a-casa-de-cada-um-cnbb-promove-seminario--sobre-o-tema-da-cf-2026/#:~:text=De%2011%20a%2013%20de,de%20constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20texto%2Dbase. Acesso em: 15 jun. 2025.

KUZMA, Cesar. O sentir da ternura: o sínodo sobre a família e suas implicações teológicas e pastorais. *Perspectiva Teológica*, v. 47, n. 131,

p. 13, 2015. DOI: 10.20911/21768757v47n131p13/2015. Disponível em: https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3037. Acesso em: 5 jul. 2025.

LORSCHEIDER, Aloísio. *A fé da Virgem Maria*. Col. Cadernos Marianos 2. Aparecida: Ed. Santuário, [s. d.].

MARTÍNEZ, Julio Luis. *Ciudadanía, migraciones y religión.* Madrid: San Pablo, 2007.

MARTOS, Francisco Gómez. Reflexões sobre as novas políticas europeias para os imigrantes. *In: Desafios para a construção de uma agenda comum entre Brasil e Europa.* Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2011, p. 13-41. Disponível em: https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=2b7cbd1a-d457-e114-ae49-0246f7825bf7&groupId=265553. Acesso em: 16 set. 2024.

MEO, Salvatore. Mãe de Deus. *In:* FIORES, Stefano. MEO, Salvatore (org.). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 780-790.

METZ, Johann Baptist. *Mística de olhos abertos.* São Paulo: Paulus, 2013.

MURAD, Afonso. Maria e a ecologia. Uma visão a partir da Laudato Sí. *In:* SILVA, José Ulysses. *A mariologia do Papa Francisco.* Aparecida: Santuário, 2024. p. 134-168.

MURAD, Afonso. *Maria:* Toda de Deus e tão humana. Compêndio de Mariologia. São Paulo, Santuário, 2012.

PAULO VI, PP. *Decreto Unitatis Redintegratio:* sobre o ecumenismo. São Paulo: Paulinas, 2005.

PAULO VI, PP. *Exortação Apostólica Marialis Cultus:* sobre o desenvolvimento do culto à bem-aventurada Virgem Maria. Brasília: CNBB, 2016.

PHILIPPE, M-D. *Mystère de Marie.* Croissance de la vie chrétienne. Paris: Fayard, 1999.

PINHO, José Eduardo Borges de. O culto à Virgem Maria na religiosidade popular: uma perspectiva teológico-sistemática. *In.: Didaskalia*. Lisboa, v. XXXV, p. 433-456, 2005. DOI: 10.34632/didaskalia.2005.1701.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Recuperar a salvação:* por uma interpretação libertadora da experiência cristã. São Paulo: Paulus, 1999.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo.* São Paulo: Loyola, 2005.

ROUTHIER, Gilles. Les accents ecclésiologiques du pontificat du pape François. Une mise en œuvre originale de Lumen gentium. *ATeo*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 54, p. 549-563, set./dez. 2016. DOI: 10.17771/PUCRio.ATeo.27895.

SCHÜRMANN, H. *Il Vangelo di Luca.* Brescia: Paideia, 1983.

VANZELLA, Jose Adalberto. A campanha da fraternidade e a conversão da igreja. *In: Teopráxis*, Passo Fundo, v. 40, n. 134, p. 11-22, jan./jun. 2023.

ZAVAREZ, Maria de Lourdes. Quaresma: seguindo as pegadas do Senhor, caminhemos para a Páscoa! *In: Pastoral*, São Paulo, ano 55, n. 295, p. 3-8, mar./abr. 2014.